





ROBERT BRYNDZA

# ÁGUAS PROFUNDAS



ROBERT BRYNDZA

# ÁGUAS PROFUNDAS

Tradução de  
Ana Lourenço

alma  
dos  
livros

info@almadoslivros.pt  
www.almadoslivros.pt  
facebook.com/almadoslivrospt  
instagram.com/almadoslivros.pt

DARK WATER © Robert Bryndza 2016  
© 2017 Direitos desta edição reservados  
para Alma dos Livros

Título: *Águas Profundas*  
Título original: *Dark Water*  
Autor: Robert Bryndza  
Tradução: Ana Lourenço  
Revisão: Silvina de Sousa  
Paginação: Maria João Gomes  
Arranjo de capa: Duarte Lázaro/Alma dos Livros  
Imagens de capa original: Henry Steadman  
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.  
ISBN: 978-989-99933-8-9  
Depósito legal:  
1.ª edição: janeiro de 2018

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão  
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções  
devidamente previstas na lei.

*Para Marta*





*A morte acha-se sobre ela como geada mui precoce  
sobre a flor mais gentil de todo o campo.*

William Shakespeare, *Romeu e Julieta*



# Prólogo

OUTONO DE 1990

**F**oi numa noite fria no fim do outono que largaram o corpo na pedreira abandonada. Sabiam que era um local isolado com água muito funda. O que não sabiam era que estavam a ser observados.

Chegaram a coberto da escuridão, logo depois das três da manhã; deixaram para trás as casas na orla da aldeia pela zona de gravilha onde os caminheiros estacionavam os carros e entraram no bosque. Com os faróis desligados, o carro oscilou no terreno irregular, juntando-se a um carreiro, que em breve foi ladeado por árvores espessas. A escuridão era densa e húmida, e a única luz vinha de cima das árvores.

Nada na viagem era silencioso. O motor do carro parecia rugir; a suspensão gemia enquanto ele oscilava de um lado para o outro. Diminuíram a velocidade quando as árvores acabaram e a pedreira cheia de água apareceu.

O que não sabiam era que um velho eremita vivia junto à pedreira, instalado numa antiga casa abandonada quase coberta por vegetação. Ele estava no exterior, a olhar para o céu e a admirar a sua beleza, quando o carro apareceu e parou. Devagar, escondeu-se atrás de uns arbustos e observou-os. Miúdos locais, drogados e casais em busca de divertimento iam muitas vezes até ali à noite, e ele conseguia assustá-los.

A Lua surgiu brevemente entre as nuvens quando os dois vultos emergiram do carro, tiraram algo grande do porta-bagagens e

levaram-no na direção do barco a remos junto à água. O primeiro entrou, e quando o segundo lhe passou o longo embrulho houve qualquer coisa na forma como ele se curvou e tombou que o fez perceber com horror que era um corpo.

Os sons suaves dos remos viajaram sobre a água. Ele tapou a boca com uma mão. Sabia que devia virar-se, mas não era capaz. Os remos silenciaram-se quando o barco chegou a meio. Uma nesga de lua apareceu novamente através de uma fenda nas nuvens, iluminando a ondulação que irradiava do barco.

Ele susteve a respiração enquanto observava as duas figuras a conversar, as vozes num baixo murmúrio rítmico. Então houve silêncio. O barco oscilou quando se puseram de pé, e um dos vultos quase caiu borda fora. Quando se endireitaram, levantaram o embrulho e, com o som de salpicos e um tinir de correntes, largaram-no na água. A Lua saiu de trás da nuvem, fazendo incidir uma luz intensa no barco e no local onde o embrulho fora largado, a ondulação a espalhar-se violentamente para fora.

Conseguia agora ver as duas pessoas no barco, e distinguiu os seus rostos com clareza.

O homem exalou. Estivera a suster a respiração. As suas mãos tremiam. Não queria problemas; passara a vida inteira a tentar evitá-los, mas estes pareciam sempre encontrá-lo. Uma brisa calma agitou algumas folhas secas a seus pés, e ele sentiu comichão nas narinas. Antes que pudesse detê-lo, um espirro irrompeu do seu nariz e ecoou através da água. No barco, as cabeças ergueram-se e começaram a rodar e a pesquisar as margens. E então viram-no. Ele virou-se para correr, tropeçou na raiz de uma árvore e caiu no chão, ficando sem conseguir respirar.

Debaixo de água reinavam o silêncio, o frio e a escuridão. O corpo afundou-se rapidamente, puxado pelos pesos, indo cada vez mais para baixo e aterrando por fim com um baque surdo na lama suave e gelada.

Ela ficaria imóvel e imperturbável durante muitos anos, quase em paz. Mas acima dela, em terra firme, o pesadelo apenas começava.

# 1

SEXTA-FEIRA, 28 DE OUTUBRO DE 2016

**A** inspetora-chefe Erika Foster cruzou os braços sobre o volumoso colete salva-vidas para se proteger do vento gelado, desejando ter vestido um casaco mais grosso. O pequeno barco insuflável da Polícia Metropolitana deslizava pela água na pedreira de Hayes, arrastando um *transponder* compacto que analisava o fundo. A pedreira abandonada ficava no centro de uma zona verde com noventa hectares de floresta e charneca junto à aldeia de Hayes, a sul de Londres.

– A profundidade da água é de vinte e três metros e setenta – disse a sargento Lorna Crozier, a supervisora da equipa de mergulho. Estava curvada sobre um ecrã na proa do barco, onde os resultados do sonar eram exibidos em tons de roxo, como os de um hematoma.

– Então vai ser difícil recuperar o que procuramos? – perguntou Erika, reparando no tom dela.

Lorna assentiu.

– Qualquer coisa além dos trinta metros é difícil. Os meus mergulhadores só podem ficar lá em baixo por curtos períodos. Uma lagoa ou um canal mediano tem dois ou três metros de profundidade. Mesmo na maré alta, o Tamisa tem dez a doze metros.

– Pode haver de tudo lá em baixo – disse o sargento John McGorry, que estava enfiado no pequeno assento de plástico ao lado de Erika. Ela seguiu o seu olhar jovem pela superfície ondulante da água. A visibilidade não podia ser mais de sessenta centímetros antes de se tornar um redemoinho de sombras escuras.

– Está a tentar sentar-se ao meu colo? – perguntou quando ele se inclinou sobre ela para olhar borda fora.

– Desculpe, chefe. – Ele sorriu, voltando a endireitar-se. – Vi um programa no Discovery Channel. Sabia que apenas cinco por cento do fundo do oceano está cartografado? O oceano ocupa setenta por cento da superfície da Terra, o que deixa sessenta e cinco por cento do planeta, excluindo terra seca, *inexplorados*...

À beira da água, a vinte metros de distância, aglomerados de juncos mortos oscilavam na brisa. Um camião de apoio estava estacionado na margem relvada e, ao lado dele, a pequena equipa de apoio preparava o equipamento de mergulho. Os coletes salva-vidas cor de laranja eram os únicos pontos de cor na tarde de outono sombria. Atrás deles, tojo e urze estendiam-se numa mistura de cinzentos e castanhos, e um aglomerado de árvores ao longe estava despida. O barco atingiu o final da pedreira e abrandou.

– Vou virar – disse o agente Barker, um jovem sentado ao leme do motor fora de borda. Descreveu uma curva acentuada para poderem voltar para trás e atravessar a água pela sexta vez.

– Acha que alguns dos peixes ou enguias lá em baixo podem ter adquirido, sei lá, proporções gigantescas? – perguntou John, virando-se para Lorna, os seus olhos ainda a brilhar de entusiasmo.

– Vi alguns lagostins grandes de água doce em mergulhos. Porém, esta pedreira não é um afluente, portanto, o que cá estiver teve de ser introduzido – respondeu Lorna, a olhar para o ecrã do sonar.

– Cresci aqui perto, em St. Mary Cray, e havia uma loja de animais perto de nós que, ao que parece, vendia crocodilos bebés... – John calou-se e olhou para Erika arqueando uma sobrancelha.

Era sempre otimista e conversador, e Erika tinha alguma dificuldade em suportar isso; temia ter de fazer um turno da manhã com ele.

– Não estamos à procura de um crocodilo, John. Procuramos dez quilos de heroína num recipiente impermeável.

John olhou para ela e assentiu.

– Desculpe, chefe.

Erika olhou para o relógio. Eram quase três e meia.

– Quanto valem dez quilos na rua? – perguntou o agente Barker, do seu lugar junto ao leme.

– Quatro milhões de libras – respondeu Erika, olhando para a imagem do sonar a mudar no ecrã.

Ele assobiou.

– Deduzo que o recipiente foi largado aqui deliberadamente?

Erika assentiu.

– Jason Tyler, o tipo que temos detido, estava à espera de que o ambiente acalmasse para o vir cá buscar...

Não acrescentou que só podiam mantê-lo detido até à meia-noite.

– Ele pensou realmente que iria recuperá-los? Somos uma equipa de mergulho experiente, e vamos ter dificuldade em recuperar isto – disse Lorna.

– Com quatro milhões de libras em jogo? Sim, acho que ele voltaria para isso – respondeu Erika. – Esperamos recolher as impressões digitais dele do plástico no interior.

– Como descobriram que ele tinha deixado isso aqui? – perguntou o agente Barker.

– Pela mulher dele – respondeu John.

O agente Barker lançou-lhe um olhar que apenas outro homem podia entender e assobiou.

– Esperem. Isto pode ser alguma coisa; desligue o motor – pediu Lorna, inclinando-se mais para o ecrã.

Havia uma pequena forma preta entre um redemoinho de tons roxos. O agente Barker desligou o motor e o barulho ensurdecedor foi substituído pelo som da água enquanto o barco abrandava. Ele levantou-se e juntou-se a ela.

– Estamos a analisar uma área de quatro metros de cada lado do barco – informou Lorna, a sua pequena mão a mover-se sobre a mancha no ecrã.

– Então a escala está correta – concordou Barker.

– Acha que é aquilo? – perguntou Erika, sentindo a esperança a surgir.

– Pode ser – disse Lorna. – Pode ser um velho frigorífico. Não saberemos com certeza até estarmos lá em baixo.

– Vai mergulhar hoje? – continuou Erika, tentando manter-se positiva.

– Hoje vou ficar em terra. Mergulhei ontem, e temos de descansar um determinado número de horas – respondeu Lorna.

– Onde esteve ontem? – indagou John.

– Rotherhithe. Fomos recuperar um suicida do lago na reserva natural.

– Uau! Deve ser ainda mais terrível encontrar um corpo debaixo de água.

Lorna assentiu.

– Fui eu quem o encontrou. A três metros de profundidade. Estava à procura numa zona de visibilidade zero, e de repente as minhas mãos fecharam-se em torno de um par de tornozelos; tateei mais acima e descobri as pernas. Ele estava de pé no fundo.

– Caramba. De pé, debaixo de água?! – exclamou John.

– Isso acontece; tem que ver com a composição do gás no corpo e o avanço da putrefação.

– Deve ser fascinante. Só estou na polícia há alguns anos. Esta é a minha primeira vez com uma equipa de mergulho – comentou John.

– Encontramos imensas coisas horríveis. O pior é quando se descobre um saco de cachorros – acrescentou o agente Barker.

– Estupores. Sou polícia há vinte e cinco anos, e ainda me deparo todos os dias com novas formas de perversão. – Erika reparou que todos se voltaram para ela; viu-os mentalmente a calcular a sua idade. – Então, e essa anomalia? Em quanto tempo conseguem chegar lá abaixo e trazê-la? – perguntou, chamando a atenção para o sonar no ecrã.

– Acho que vamos marcar um local com uma boia e fazer outra passagem – respondeu Lorna, movendo-se para o lado do barco e preparando uma pequena boia cor de laranja. Largou o peso da boia borda fora, e a corda fina à qual estava presa desapareceu rapidamente na água funda e escura. Deixaram o marcador a flutuar enquanto o agente Barker tornava a ligar o motor e deslizaram pela água.



Pouco mais de uma hora depois, tinham coberto a superfície da pedreira e identificado três possíveis anomalias. Erika e John haviam ido para terra, a fim de se aquecerem. O dia estava a terminar quando se detiveram junto ao camião com copos de chá. Viram a equipa de mergulho em ação.



Lorna ficou na margem, a segurar a extremidade de um cabo com pesos. Este descia pela água e ao longo do fundo da pedreira, reemergindo a seis metros da margem. O barco estava ancorado ao lado da primeira boia, tripulado pelo agente Barker, que mantinha tenso o outro extremo do cabo. Haviam passado dez minutos desde que dois mergulhadores tinham entrado na água. Começaram em extremidades opostas do cabo, e vasculhavam o fundo da pedreira para se encontrarem no meio. Ao lado de Lorna, outro elemento da equipa de mergulho estava agachado sobre uma pequena unidade de comunicação do tamanho de uma pasta. Erika podia ouvir as vozes dos mergulhadores enquanto comunicavam através dos rádios com as máscaras de mergulho.

– Visibilidade zero, ainda nada... Devemos estar perto de nos encontrar a meio... – disse uma voz no rádio.

Erika puxou uma baforada nervosa no cigarro eletrónico, a luz LED na ponta a brilhar, vermelha. Exalou uma nuvem de vapor branco.

Tinham passado três meses desde que fora transferida para a esquadra de Bromley, e ainda tentava encontrar o seu lugar e encaixar-se na nova equipa. Ficava a poucos quilómetros do seu antigo bairro de Lewisham, no sul de Londres, mas estava a habituar-se à grande diferença que alguns quilómetros podiam fazer entre os arredores de Londres e a extremidade do condado de Kent. Reinava um ambiente de cidade de província.

Olhou para John, a vinte metros de distância a falar ao telemóvel; sorria enquanto conversava. Sempre que tinha oportunidade, ligava para a namorada. Um momento depois, desligou e aproximou-se.

– Os mergulhadores ainda estão à procura? – perguntou.

Erika assentiu.

– Não haver notícias é uma boa notícia... Mas se eu tiver de libertar aquele estupor...

O estupor em questão era Jason Tyler, um traficante insignificante que subira rapidamente na hierarquia e controlava uma rede que cobria o sul de Londres e as fronteiras de Kent.

– Mantenham o cabo esticado, estou a senti-lo frouxo... – pediu a voz do mergulhador através do rádio.

– Chefe? – perguntou John, atrapalhado.

– Sim?

– Era a minha namorada, Monica, ao telefone... Ela, nós, gostaríamos de a convidar para jantar.

Erika olhou para ele, ainda atenta a Lorna, que puxava mais o cabo, apoiando os pés na margem.

– O quê?

– Falei muito de si à Monica... Só coisas boas, claro. Aprendi bastante desde que trabalho consigo, imenso; tornou o trabalho bem mais interessante. Fez-me querer ser um detetive melhor... De qualquer forma, ela adoraria fazer-lhe uma lasanha, a sua especialidade. É realmente boa. E não estou só a dizer isto porque é minha namorada. É mesmo... – Calou-se.

Erika estava a olhar para a distância de seis metros entre Lorna na margem e o barco na água. A luz do dia diminuía rapidamente. Pensou que os mergulhadores deviam estar prestes a encontrar-se no meio, e se se encontrassem, isso significava que não tinham nada.

– Então, o que diz, chefe?

– John, estamos a meio de um grande caso – respondeu ela.

– Não quis dizer esta noite. Um dia destes? A Monica adoraria conhecê-la. E se houver alguém que queira levar, tudo bem. Há algum senhor Foster?

Erika virou-se para ele. Passara os últimos dois anos a ouvir boatos sobre si na esquadra, portanto, surpreendia-a que John não soubesse. Ia responder, mas foi interrompida por um grito vindo da equipa de apoio à beira da água.

Todos se precipitaram a acercar-se de Lorna e do outro agente, curvado sobre a pequena unidade de comunicação. Ouviram um dos mergulhadores dizer:

– Há qualquer coisa debaixo da lama... Preciso de ajuda para a retirar... Como estou de tempo?

A voz metálica cortou o ar frio com algumas interferências, e Erika percebeu que eram as bolhas libertadas pelo mergulhador a dez metros de profundidade quando o agente lhe respondeu.

Lorna virou-se para Erika.

– Acho que encontrámos aquilo.

## 2

Quando a noite caiu, a temperatura diminuiu junto à água. Erika e John andavam num vaivém sob o arco de luz emanada pelos veículos de apoio, e as árvores atrás deles tinham desaparecido numa escuridão que parecia abater-se sobre todos eles.

Um dos mergulhadores, no seu fato de neopreno, surgiu finalmente nas margens íngremes da pedreira, carregando o que parecia uma grande mala de plástico coberta de lama. Erika e John aproximaram-se da equipa que o ajudava a sair da água. John pegou numa pequena câmara digital e começou a filmar o mergulhador com a caixa. Esta foi pousada na margem relvada, sobre um quadrado de plástico. Todos recuaram quando John se aproximou e tirou várias fotografias à caixa intacta.

– Certo, chefe – disse ele. – Estou a filmar.

Erika calçara luvas de látex e tinha na mão um alicate corta-arame. Ajoelhou-se diante da caixa e começou a analisá-la.

– Há dois fechos com cadeado de cada lado da pega, e uma válvula reguladora de pressão na caixa – afirmou, indicando um botão coberto de lama sob a pega. Cortou os cadeados enquanto John filmava. A equipa de mergulho observava um pouco afastada, iluminada pelo arco de luz da câmara digital.

Erika rodou suavemente a válvula de pressão, e ouviu-se um estalido sibilante. Abriu os dois fechos e levantou a tampa. A luz da câmara incidiu no interior, revelando várias filas de pequenos pacotes, cada um contendo um pó cinzento-rosado.

Erika ficou radiante ao ver aquilo.

– Heroína com um valor comercial de quatro milhões de libras – comentou.

– É horrível, mas não consigo desviar os olhos – desabafou John enquanto se inclinava para obter um grande plano do interior.

– Obrigada a todos – agradeceu Erika, voltando-se para os rostos silenciosos da equipa de mergulho disposta num pequeno semicírculo. Os rostos cansados retribuíram o sorriso.

Da unidade de comunicação chegou-lhes a voz de um dos mergulhadores ainda na água. Lorna aproximou-se e começou a falar com ele.

Erika fechou cuidadosamente a tampa da caixa.

– Muito bem, John, ligue para a esquadra. Isto tem de ser levado para lá, e diga ao superintendente Yale que precisamos da equipa das impressões digitais pronta a entrar em ação assim que voltarmos. Não vamos perder esta caixa de vista até ela estar guardada em segurança, entendido?

– Sim, chefe.

– E vá ao carro buscar um dos sacos grandes de provas.

John afastou-se enquanto Erika se levantava e olhava para a caixa.

– Apanhei-te, Jason Tyler – murmurou. – Apanhei-te, e vais cumprir uma longa pena.

– Inspetora Foster – disse Lorna, aproximando-se. – Um dos nossos mergulhadores estava a analisar a área e encontrou outra coisa.



Quinze minutos depois, Erika tinha guardado a mala da heroína num saco de plástico e John empunhava de novo a câmara para filmar outro mergulhador quando ele emergiu da água. Trazia uma coisa escura e informe nos braços. Levou-a para junto de outro quadrado de plástico na relva. Era um embrulho de plástico cheio de lama envolto em correntes finas enferrujadas que prendiam o que pareciam pesos de ginásio. Não tinha mais de metro e meio de comprimento, e dobrara-se sobre si mesmo. O plástico era velho e quebradiço e parecia desbotado.

– Foi encontrado a um metro e vinte da caixa de plástico, parcialmente submerso no lodo do fundo da pedreira – disse Lorna.

– Não é pesado. Há qualquer coisa pequena lá dentro; sinto-a a mudar de posição – informou o mergulhador.

Pousou-o no quadrado de plástico, e um silêncio abateu-se sobre a equipa, quebrado apenas pelos ramos nas árvores distantes a ranger ao vento.

Erika sentiu um receio gelado. Deu um passo à frente, interrompendo o silêncio.

– Onde está o alicate corta-aramé?

Prendeu-o debaixo do braço, calçou outro par de luvas de látex, deu um passo à frente e meteu mãos à obra, cortando as correntes enferrujadas, que eram finas mas tinham sido enroladas diversas vezes. O plástico estava tão quebradiço que se tornara rígido, e estalou quando ela desembaraçou as correntes e a água do interior começou a escorrer.

Apesar do frio, Erika percebeu que transpirava. O plástico fora dobrado repetidamente e, enquanto desenrolava as camadas, pensou que o que estava lá dentro era pequeno. Cheirava apenas a água da lagoa: bafienta e um pouco desagradável, o que fez soar um alarme na sua mente.

Quando chegou à última dobra, viu que a equipa à sua volta se encontrava silenciosa. Ela tinha-se esquecido de respirar. Respirou fundo e acabou de desdobrar o plástico quebradiço.

A luz da câmara de vídeo iluminou o conteúdo. Era um pequeno esqueleto: uma mistura de ossos entre uma camada de limo fino. Pouco restava da roupa, apenas alguns bocados de tecido castanho agarrados a um pedaço de caixa torácica. Havia um pequeno cinto fino com uma fivela enferrujada em torno da coluna, ainda presa à pelve. O crânio estava solto e aninhado numa pilha de costelas. Algumas madeixas de cabelo permaneciam presas ao alto do crânio.

– Oh, meu Deus – murmurou Lorna.

– É muito pequeno... parece o esqueleto de uma criança – disse Erika em voz baixa.

Ficaram mergulhados na escuridão quando John se afastou com a câmara de vídeo em direção à margem, onde se ajoelhou e vomitou na água.